

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: O País Que Abandonou os Seus Estaleiros e a base industrial

Publicado em 2026-07-02 11:36:17



Fragmentos do Caos | Crónica Industrial e Política

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ESTALEIROS

Como Portugal conquistou a liberdade política, mas perdeu indústria, estratégia, soberania produtiva e uma parte do seu futuro

Portugal teve, no Tejo e no Sado, uma das maiores promessas industriais da sua história contemporânea. Teve docas, gruas, engenharia, metalomecânica pesada, soldadores, projectistas, técnicos, trabalhadores especializados, capacidade de reparação naval, construção naval e posição atlântica. Teve uma base marítima e industrial que muitos países teriam transformado numa plataforma estratégica de futuro.

Em vez disso, Portugal fez o que tantas vezes faz quando encontra uma oportunidade histórica: administrou-a até quase a matar.

A Lisnave e a Setenave não foram pequenos episódios industriais. Foram símbolos de um país que, apesar dos seus atrasos políticos, sociais e democráticos antes de 1974, ainda possuía sectores de grande escala, competência técnica e capacidade pesada. A Margueira, na margem sul do Tejo, foi inaugurada em 1967 e expandida em 1971 com a maior doca seca do mundo. A Mitrena/Setenave surgiu em 1973, em Setúbal, como nova

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

indústria. Era saber fazer. Era escola técnica. Era soberania marítima.

E talvez por isso tenha sido tão maltratado. Em Portugal, tudo o que exige visão, continuidade, disciplina e décadas de trabalho parece provocar alergia nas elites políticas. O país gosta de inaugurar; tem mais dificuldade em conservar, modernizar e multiplicar valor. A fita corta-se num minuto. A estratégia exige gerações. Já se vê o incómodo.

Portugal não perdeu apenas estaleiros. Perdeu uma cultura industrial, uma cadeia de valor, uma escola técnica e uma soberania marítima que demoraram décadas a construir.

A liberdade conquistada não bastou para construir felicidade

A liberdade é uma conquista imensa, mas não é suficiente para fazer um povo feliz.

Um povo pode ser livre para votar e continuar pobre. Pode ser livre para falar e continuar sem futuro. Pode ser

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

baixa produtividade, da habitação impossível, da justiça lenta, da corrupção, da dependência económica e da falta de estratégia nacional.

Foi esse o drama português. Conquistou-se a liberdade política, mas não se construiu uma felicidade colectiva assente em prosperidade, trabalho digno, indústria, mérito, justiça e soberania económica. Derrubou-se o medo, mas não se ergueu suficientemente a esperança. Abriu-se a porta da democracia, mas deixou-se o país caminhar durante décadas por corredores estreitos de mediocridade governativa.

A liberdade liberta o povo da tirania. Mas só a competência, a justiça, a educação, a indústria, a produtividade e a visão transformam essa liberdade em vida digna.

Portugal ficou livre. Falta-lhe ainda aprender a ser feliz.

Abril deu liberdade ao povo português. A mediocridade dos 52 anos seguintes impediu que essa liberdade se transformasse em felicidade nacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Não se trata de romantizar o Estado Novo. O regime anterior a 1974 foi autoritário, repressivo, censório, colonialista e socialmente atrasado. Deixou pobreza, medo, desigualdade e atraso educativo. Isso deve ser dito sem tremores. Mas dizer isto não obriga a negar outra verdade: Portugal herdou também alguma base industrial relevante, alguns grupos económicos com escala, alguma capacidade técnica e sectores estratégicos que poderiam ter sido democratizados, modernizados e orientados para uma economia aberta, competitiva e produtiva.

A tragédia da democracia portuguesa foi não ter sabido fazer essa transição.

Era preciso libertar o país politicamente sem destruir a sua musculatura industrial. Era preciso democratizar sem desindustrializar. Era preciso abrir o país ao mundo sem o reduzir a uma economia de serviços frágeis, turismo, imobiliário, consumo importado e fundos europeus. Era preciso substituir autoritarismo por competência democrática. Mas Portugal preferiu demasiadas vezes substituir estratégia por expediente, indústria por concessão, política económica por subsídio, engenharia por consultoria, estaleiro por ruína e ambição por discurso.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

prosperidade. Vive da sua capacidade de transformar trabalhadores em cidadãos com futuro, empresas em motores de valor, conhecimento em indústria, mar em soberania e território em projecto nacional.

Lisnave e Setenave são nomes de uma oportunidade que o país não soube merecer.

A acusação em aço

A Margueira, em Almada, foi encerrada no processo de reestruturação concluído em 2000, com as operações concentradas na Mitrena, em Setúbal. A própria história institucional da Lisnave assinala essa reestruturação e a concentração das operações no estaleiro da Mitrena. O que ficou para trás não foi apenas uma infraestrutura. Ficou para trás uma parte da memória industrial do país.

E agora, décadas depois, reaparece a conversa da nova concessão, do interesse internacional, das empresas do mundo inteiro, da “operação complexa”, do concurso a preparar e da concessão futura. Claro que há empresas do mundo inteiro interessadas. O mundo reconhece valor onde Portugal viu incómodo. O mundo olha para docas, infraestruturas, localização atlântica, reparação naval,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal olhou durante décadas e viu problemas administrativos, custos laborais, conflitos, terrenos, burocracia, concessões e relatórios.

É uma diferença subtil: uns vêem estratégia; nós vemos dossiês.

Em 2026, a Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra assumiu a posição de concedente dos estaleiros da Mitrena e anunciou a preparação de novo concurso internacional. A notícia de que várias empresas terão manifestado interesse nos estaleiros deveria ser motivo de reflexão nacional, não apenas de satisfação portuária. Porque se empresas internacionais querem aquilo que Portugal deixou definhar, talvez o problema nunca tenha sido a infraestrutura. Talvez o problema tenha sido o país que a rodeava.

A Lisnave e a Setenave mostram o crime económico perfeito da democracia portuguesa: transformar activos industriais estratégicos em problemas administrativos, deixá-los definhar e depois descobrir, cinquenta anos depois, que afinal o mundo inteiro os queria.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A pergunta é simples: como é que um país com mar, portos, tradição naval, trabalhadores técnicos e posição atlântica deixou definhar uma plataforma industrial desta dimensão?

A resposta é dura: porque Portugal não teve estratégia industrial. Teve governos. Teve ministros. Teve programas. Teve fundos. Teve gabinetes. Teve discursos. Teve estudos. Teve planos. Teve inaugurações. Teve promessas. Mas não teve uma visão persistente, nacional, produtiva e tecnológica para transformar os activos industriais herdados numa economia de futuro.

Portugal viveu cinco décadas a celebrar infraestruturas enquanto deixava morrer indústria. Construiu estradas, rotundas, centros comerciais, urbanizações, hotéis e plataformas administrativas. Recebeu fundos europeus. Modernizou muito do país material. Mas não criou uma base industrial suficientemente forte, sofisticada e soberana para suportar salários europeus, produtividade europeia e futuro europeu.

A OCDE continua a apontar desafios estruturais portugueses: produtividade, investimento, competências, escala empresarial, envelhecimento e crescimento de longo prazo. Em 2026, a OCDE assinalou que a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Isto não nasce do acaso.

Nasce de décadas sem política industrial séria.

Nasce de uma economia demasiado fragmentada.

Nasce de elites que confundiram modernização com betão.

Nasce de um Estado que sabe cobrar impostos, mas não sabe construir sectores estratégicos.

Nasce de uma democracia que aprendeu a distribuir fundos, mas não aprendeu a multiplicar capacidade produtiva.

O que Portugal podia ter sido

O caso Lisnave/Setenave é exemplar porque mostra o contraste entre o que Portugal podia ter sido e aquilo em que se resignou a transformar-se. Podíamos ter construído uma plataforma atlântica de reparação naval, construção especializada, manutenção de grandes navios, indústria militar naval, componentes para offshore, eólica marítima, engenharia oceânica, robótica submarina, drones navais,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Superior Técnico, às universidades, aos politécnicos, às escolas profissionais, aos centros de investigação, à indústria metalomecânica, às energias renováveis offshore, à defesa marítima, aos cabos submarinos, aos materiais avançados e à economia azul.

Podíamos ter transformado Setúbal e Almada num eixo de engenharia naval e oceânica. Podíamos ter feito do Atlântico uma plataforma produtiva e não apenas um cenário turístico. Podíamos ter construído uma política industrial marítima em torno de portos, estaleiros, energia, logística, manutenção, investigação e exportação.

Em vez disso, fomos deixando o país cair na ilusão de que bastava vender sol, alojamento local, serviços baratos, centros comerciais, vistos, imobiliário, conferências sobre inovação e umas startups simpáticas para compensar a destruição lenta da base produtiva.

Não compensa.

Um país sem indústria suficiente fica pobre, mesmo que tenha hotéis cheios.

Um país sem engenharia pesada fica dependente, mesmo que tenha fibra óptica.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

discutir salários baixos como se fossem fenómeno meteorológico.

Portugal abandonou a indústria e depois fingiu surpresa com a pobreza.

Da engenharia ao expediente

A Lisnave e a Setenave deviam ter sido uma escola nacional de modernização industrial. Deviam ter sido integradas numa política marítima de longo prazo. Deviam ter sido ligadas às universidades, à formação profissional, à metalomecânica, à investigação oceânica, à energia offshore, à defesa, à robótica, aos materiais avançados, à digitalização industrial, à automação, ao desenho naval e à economia azul. Deviam ter sido transformadas em centros de competência exportadora.

Mas Portugal preferiu a pequena política.

A pequena política olha para uma doca e vê uma concessão.

A estratégia olha para uma doca e vê uma cadeia de valor.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

vê capital humano.

A pequena política olha para uma infraestrutura pesada e vê passivo.

A estratégia olha para uma infraestrutura pesada e vê soberania produtiva.

A pequena política olha para o futuro e pede um parecer.

A estratégia olha para o futuro e começa a construir.

Durante 52 anos, Portugal teve demasiada pequena política e pouca estratégia. E isto não é apenas culpa deste ou daquele governo. É uma falha transversal do regime democrático, das suas elites, dos seus partidos, das suas universidades afastadas da produção, dos seus empresários sem escala, dos seus bancos demasiado amigos da especulação e pouco amigos da indústria, das suas administrações públicas burocráticas e dos seus decisores que confundem crescimento estatístico com desenvolvimento real.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A democracia portuguesa trouxe liberdade, direitos, integração europeia e progresso social. Mas falhou numa dimensão decisiva: não construiu um modelo produtivo à altura da liberdade conquistada. Libertou o cidadão politicamente, mas não libertou o país da dependência económica. Deu voto ao povo, mas não deu ao país uma estratégia industrial moderna. Abriu Portugal à Europa, mas deixou que Portugal entrasse na Europa como economia periférica, dependente, subcapitalizada e demasiado inclinada para serviços de baixo valor.

É aqui que a crítica deve bater.

Não contra Abril enquanto libertação política.

Mas contra a mediocridade que veio depois, usando Abril como absolvição histórica.

Não basta dizer que somos livres. Um país livre que destrói capacidade industrial, exporta jovens qualificados, paga salários baixos, depende de turismo, importa demasiada tecnologia e abandona activos estratégicos está a falhar consigo próprio.

A felicidade de um povo não nasce apenas da liberdade formal. Nasce da possibilidade concreta de viver com dignidade. Nasce de salários que permitam futuro. Nasce

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

que proteja o interesse nacional sem asfixiar a iniciativa. Nasce de uma política que saiba pensar além da legislatura.

Portugal conquistou liberdade. Mas não construiu suficientemente a arquitectura económica da felicidade colectiva.

Cinquenta e dois anos de decisões pequenas

O futuro promissor deste país não foi destruído num só dia. Foi desgastado por décadas de decisões pequenas, omissões grandes e ausência de visão.

Foi destruído quando se deixou a indústria sem política.

Foi destruído quando se confundiu nacionalização com estratégia.

Foi destruído quando se confundiu privatização com modernização.

Foi destruído quando se confundiu fundos europeus com desenvolvimento.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

imobilismo.

Foi destruído quando se confundiu Estado com aparelho partidário.

Foi destruído quando se confundiu gestão de curto prazo com destino nacional.

Lisnave e Setenave são, por isso, mais do que estaleiros. São uma acusação em aço.

Acusam a incapacidade de pensar o mar.

Acusam a perda de soberania industrial.

Acusam a ignorância sobre o valor do trabalho técnico.

Acusam a obsessão portuguesa por sectores fáceis.

Acusam a substituição da engenharia pelo expediente.

Acusam a falta de coragem para construir uma economia de alto valor.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Agora, quando se fala de nova concessão, Portugal devia ter vergonha suficiente para não repetir o erro. A Mitrena não pode ser apenas mais uma renda pública entregue por concurso. Não pode ser apenas uma operação jurídica e portuária. Não pode ser apenas uma oportunidade imobiliária disfarçada. Não pode ser apenas uma concessão para alguém explorar o que resta.

Tem de ser uma decisão industrial nacional.

Tem de exigir investimento real.

Tem de exigir emprego qualificado.

Tem de exigir formação técnica.

Tem de exigir ligação a universidades e politécnicos.

Tem de exigir transferência de tecnologia.

Tem de exigir cadeia nacional de fornecedores.

Tem de exigir metas de exportação.

Tem de exigir capacidade em reparação naval, energia offshore, desmantelamento ecológico, indústria marítima avançada e defesa naval.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Porque se a nova concessão se limitar a entregar a infraestrutura ao interesse de quem sabe aproveitá-la, sem uma estratégia nacional associada, então Portugal terá conseguido a proeza perfeita: abandonar o passado, falhar o presente e vender o futuro.

A nova Mitrena pode ser uma oportunidade. Mas uma oportunidade sem visão é apenas mais uma cerimónia à espera de uma ruína.

Uma oportunidade sem visão é apenas uma ruína com calendário de concurso.

Soberania fabrica-se

Portugal precisa de uma política industrial marítima. Precisa de olhar para o Atlântico como espaço económico e tecnológico, não apenas como postal turístico. Precisa de transformar portos em plataformas produtivas. Precisa de reconstruir formação profissional técnica. Precisa de ligar engenharia, indústria, mar e energia. Precisa de tratar estaleiros como activos estratégicos, não como terrenos complicados.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

tecnologia, disciplina e persistência.

Tudo aquilo que Portugal teve em parte, perdeu em parte e agora parece redescobrir com meio século de atraso.

Portugal não ficou pobre apenas porque o mundo mudou. Ficou pobre porque desistiu de produzir aquilo que o mundo ainda queria. E quando um país abandona os seus estaleiros, abandona mais do que navios: abandona a ideia de que ainda pode construir o seu próprio futuro.

Nota Editorial

A liberdade de um povo é uma conquista sagrada. Mas não é suficiente para garantir a sua felicidade.

Portugal conquistou a liberdade política em Abril. Libertou-se da censura, do medo, da polícia política e da ausência de pluralismo democrático. Essa conquista permanece essencial e não deve ser diminuída. Mas a liberdade, para ser plenamente humana, precisa de se transformar em vida digna, justiça, prosperidade, trabalho qualificado, habitação possível, serviços públicos eficazes, soberania produtiva e futuro para os filhos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

existente, democratizá-la, modernizá-la, ligá-la ao conhecimento, abri-la ao mundo e transformá-la em plataforma de desenvolvimento nacional.

Em vez disso, Portugal deixou morrer demasiada capacidade produtiva, substituiu estratégia por expediente, indústria por serviços frágeis, engenharia por consultoria, soberania por dependência e ambição por discursos comemorativos.

Um povo pode ser livre e continuar pobre. Pode votar e continuar sem futuro. Pode falar e continuar sem ser ouvido. Pode emigrar livremente e, ainda assim, essa liberdade ser apenas a confirmação de que o país não lhe ofereceu condições para ficar.

Abril abriu a porta. Mas Portugal ficou demasiadas vezes parado à entrada, a celebrar a maçaneta, enquanto o futuro passava.

A liberdade foi conquistada. A felicidade nacional continua por construir. E um país pobre nem liberdade e independência conquistará, individualmente e como nação.



Referências

1. Centro de Estudos de História Contemporânea / OpenEdition Journals, “Ports, policies and interventions in ports in Portugal — 20th century”, referência à inauguração da Margueira em 1967 e expansão em 1971 com a maior doca seca do mundo.
<https://journals.openedition.org/cdlm/5162?lang=en>
2. Lisnave, “Our History”, cronologia institucional da Lisnave, referência à Setenave/Mitrena, encerramento da Margueira e concentração das operações na Mitrena.
<https://www.lisnave.pt/our-history>
3. Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, “APSS assume a posição de concedente dos estaleiros da Mitrena e prepara novo concurso internacional”, 2 de Abril de 2026.
<https://www.portodesetubal.pt/noticia/443/apss-assume-a-posicao-de-concedente-dos-estaleiros-da-mitrena-e-prepara-novo-concurso-internacional>
4. ECO, “Porto Lisboa-Setúbal avança com concessão do estaleiro da Mitrena”, 8 de Junho de 2026.
<https://eco.sapo.pt/2026/06/08/porto-lisboa-setubal-avanca-com-concessao-do-estaleiro-da-mitrena/>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

concessao-da-mitrena

6. Jornal Económico, “Estaleiro da Mitrena em Setúbal vai a concurso”, Junho de 2026.

<https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/estaleiro-da-mitrena-em-setubal-vai-a-concurso/>

7. OECD, “OECD Economic Surveys: Portugal 2026”, análise sobre produtividade, investimento, competências, crescimento e desafios estruturais da economia portuguesa.

https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-surveys-portugal-2026_025b3445-en.html

8. OECD, “Improving public spending efficiency, skills and housing policies would boost Portugal’s economy and living standards”, 6 de Janeiro de 2026.

<https://www.oecd.org/en/about/news/press-releases/2026/01/improving-public-spending-efficiency-skills-and-housing-policies-would-boost-portugal-s-economy-and-living-standards.html>

9. World Bank Data, “Manufacturing, value added (% of GDP) — Portugal”.

<https://data.worldbank.org/indicator/NV.IND.MANF.ZS?locations=PT>

10. Reuters, “Portugal must reform labour rules to fuel growth, PM says”, 26 de Maio de 2026, com referência

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

says-2026-05-26/



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)